

## Problemas pedagógicos

Tem-se dito muitas vezes que o problema máximo para uma democracia é o problema da instrução. Algumas vezes se tem dito também que o problema é um pouco mais complexo. Não é apenas de instrução mas de cultura. Assim dum lado temos aqueles para quem todo o progresso social, neste sentido, se reduziria a diminuir o número de analfabetos e do outro aqueles para quem tal não basta. Somos dos primeiros? Certamente que não.

Não foi, porém, para dizer isto que começamos este artigo.



O nosso intuito é' pretender marcar onde acaba o desenvolvimento e onde começa a cultura no nosso sistema oficial de ensino, ou antes, procurar a cultura nesse ensino. Não ramos, é' claro, discutir o que entendemos ou ~~derivamos~~ entendemos por cultura. Basta-nos só que todos admitam a distinção dos respectivos conceitos de instrução e cultura e consequentemente das realidades que eles pretendem representar. Todavia, para melhor nos entendermos, poderemos admitir um conceito geral de cultura, sem dizendo, por exemplo, que a cultura de um homem é' a concepção do universo desse homem, entendendo-se por



isto a procura da unidade  
de todo o ~~ser~~ <sup>ser</sup>, tendente  
à compreensão do seu universo  
e, portanto, da sua consciência.

Podemos ainda dizer, para tornar-  
nos mais geral o nosso conceito,  
que a cultura não é mais um  
busca <sup>dinâmica</sup> ~~no~~ <sup>ansioso</sup> ~~reforço~~ que propriamente  
nos resultados ~~de~~ dessa  
busca ou reforço. ~~Torna-se~~ ~~con-~~  
~~fruto~~.

Le assim é, e cremos  
que assim é, o fundamental em  
todo o sistema de ensino deveria  
ser o reforço permanente da-  
quella que aprende em proce-  
sar o tal plano de unidade  
ou compreensão e que assim



nos referimos. Mas como pode  
aquele que aprende chegar à com-  
preensão isto sem a superação sol-  
vadora daquele que ensina? É  
é isto inequivocamente que deveria  
caber, sobretudo, a glória suprema  
de ensinar e fazer compreender  
aos que aprendem tal finalidade  
de cultura.

Mas o meio, o método, o processo??  
Em Portugal há mais um problema  
complexo e estranho a juntar  
a muitos outros igualmente estranhos  
e igualmente complexos. Não  
há ainda uma reforma do  
ensino secundário que partisse de  
compreensão do que se bamos  
de dizer e, <sup>todavia</sup> ~~ainda~~, ainda que  
esse reforme tivesse sido publica-  
da ou oficializada, nada daí



15.

teria surtido. Então os nossos  
professores à altura de compreen-  
derem as ~~mais elementares~~  
ideias gerais acerca de cultura  
e pedagogia? Pois se aqueles  
que os ensinam... etc.. A culpa  
não é totalmente deles, porém  
em parte dos seus professores  
que, por sua vez, facilmente  
encontrarão as mesmas desculpas.  
Não é <sup>casual</sup> das culpas que nós que-  
remos tratar mas dos professores  
do nosso ensino. ~~se~~

~~Sabem os nossos professores  
que o que mais interessa não é  
ensinar?~~

Para eles, para quasi  
todos eles, o bom professor é  
aquele que ensina e, sobretudo,



aquela que eu não sei. ~~De~~  
 Ainda não sei que o que  
 menos interessa é eu não sei.



aquela que ensina muito. No entanto, isto é falso e falso por opposição, a mais terrível das falsidades. O ~~homem~~ bom professor sabe que pouco valor tem ensinar, que ensinar é o que menos lhe deve interessar. Para muitos defendemos uma pedagogia dogmática. Sepa. Mas antes de prosseguir deixe-mos dito que é para esta pedagogia que tendem os pedagogos ou os homens que, quando ensinam, refletem não só sobre o que ensinam mas também sobre o método a seguir para que ensino resulte útil e eficiente. É isto que importa.

Todo o professor, pois, convencido que a sua missão é



ensinar é um mau professor. A  
 missão suprema do professor não  
 deve ser projectar sobre o aluno,  
 ou sobre a memória do aluno,  
 tudo o que sabe e respeito  
 do ramo de conhecimentos ~~em~~  
 o especializou.  
 que o Estado ~~he para para ser~~  
~~especialista~~. A verdadeira missão  
 do pedagogo consiste em despertar  
 no aluno, melhor, no discípulo, um  
 interesse suficientemente vivo po-  
 ra, por si mesmo, fazer a acqui-  
 sição dos conhecimentos necessários  
 à imagem do Universo. que a  
 ciência, por intermédio do profes-  
 sor, he deve superar. Isto é,  
 a missão do professor não deve  
 ser transcendente ao aluno, que-  
 rendo isto significar que o  
 esforço de pensamento e o intere-



Se de conhecer devera radical  
e desenvolver-se no aluno de  
maneira insuamente a sua perso-  
nalidade. O mesmo e' dizer  
que o ensino devera desenvolver  
e enriquecer a personalidade  
daquelle que aprende sem en-  
tado o seu ritmo evolutivo  
por prejudicado pelo interesse  
propagandistico daquelle que en-  
sina.

Mas como conseguir-lo? A  
principio isto parece difficil, ou  
até impossivel. E para que o  
seu pensamento não pode  
nunca ultrapassar os dados  
que a sua experiencia restringe  
nos fornecer, isto e' uma uto-  
pia. Logo. Não precisamos



9  
dêles. Para êles ~~seu~~ artigos terminou  
no último ponto final, se é que  
conseguiram chegar ~~ele~~ ~~agora~~ lá.

Para o autor a possibilidade  
e o valor de tal pedagogia  
não poderão ser postos em di-  
vida. ~~A~~ Continuamos, ~~de~~ porém, a  
fazer o problema do método.

Voltaremos a êle. Por hoje res-  
tos indicar as duas grandes  
linhas a seguir para procurar-  
mos uma boa solução.

Os programas (ou o desen-  
ho de programas) deverão tender,  
antes de tudo, a dar ao  
aluno um poder de síntese  
e compreensões em profundidade  
e não a superficialidade; depois  
~~deverão~~ pretender fazer do que aprende  
um homem consciente, um homem  
livre, um homem que seja êle



próprio. Isto seria conseguido  
pelos homens, não pelos profanos.

Por uma espécie de professores  
que teriam como máxima de  
toda a sua ação sobre os  
alunos o sagrado respeito  
pelas suas possibilidades e  
não os pretendiam nunca  
mutilar e deformar mas  
sim formar e completar.

Formar, não no sentido de des-  
fazer um aspecto exterior de ba-  
charel, mas de ~~de~~ enriquecer  
o seu conteúdo de vida spiri-  
tual; Completar não no  
sentido de fazer deles ~~os~~ sábios  
antes do tempo, mas de astor-  
nar ~~as~~ consciências por meio de prele-  
ções e leituras capazes de reflexão  
permanente em atividade, tendente a



criticar e a criticar-se com  
elevação e profundidade.

Porto 1/1/32

Delfim Santos

DS-31

Mar 33

*[Signature]*

12

5

[17 mros]